

Público e privado nas estratégias e efeitos da visibilidade midiática

Ana Lúcia de Medeiros Batista¹
Paula Reis Melo²

Resumo

No dia 31 de outubro de 2011, numa transmissão “ao vivo” feita diretamente do Hospital Sírio Libanês sobre o estado de saúde do ex-presidente Lula para o Jornal Hoje (TV Globo), a repórter Monalisa Perrone foi empurrada por um homem. A ação inusitada do desconhecido foi instantaneamente incluída no fato noticioso e provocou uma interrupção na transmissão e imediato repúdio dos apresentadores posicionados na bancada do telejornal. Três anos mais tarde, em 13 de agosto de 2014, durante a cobertura “ao vivo” do acidente que provocou a morte do candidato à Presidência da República, Eduardo Campos, uma fonte encenou um depoimento. Mentiu, diante das câmeras. A mentira provocou um mal-estar no repórter/na empresa, mas especialmente nas redes sociais. Que estratégias de visibilidade midiática foram usadas pelos indivíduos comuns cujo desejo manifesto era o de obter fama? Esses episódios refletem a diluição entre o público e o privado na sociedade em midiatização. O artigo propõe analisar as estratégias e os efeitos de sentido provocados da irrupção do privado no público.

Palavras-chave:

Midiatização; Jornalismo; Visibilidade Midiática.

Abstact

On October 31, 2011, in a broadcast "live" directly from the Sírio-Libanês Hospital about the health of ex-president Lula to Jornal Hoje (TV Globo), the reporter Monalisa Perrone was pushed by a man. The unprecedented action of the unknown man was

¹ Doutora em Comunicação (UnB); pós-doutoranda (Ihac/UFBA) – analumbr@yahoo.com.br

² Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos), professora do Departamento de Comunicação Social (UFPE) – preismelo@yahoo.com.br

instantly included in the news and caused an interruption in the transmission and immediate repudiation of the presenters of the television news. Three years later, on August 13, 2014, during coverage "live" of the accident which caused the death of the candidate for the Presidency of the Republic, Eduardo Campos, a source has staged a testimonial speech. He lied on camera. The lie has caused discomfort in the reporter and in the company, but especially in social networks. What media visibility strategies were used by ordinary individuals whose manifest desire to be famous? These episodes reflect the dilution between the public and private in time of mediatization of society. The article aims to analyze the strategies and the effects of signs by the outburst of the private in the public.

Keywords:

Mediatization; Journalism; Media visibility.

Introdução

Pensar as imbricações entre público e privado na sociedade em midiatização exige uma reflexão sobre como a interação social está permeada pelos dispositivos técnicos que dão uma forma de existência social: a visibilidade midiática. Entre os diversos valores da sociedade, a visibilidade midiática tem sido buscada e “praticada” nas mais inusitadas experiências, desde a produção de um *selfie* diante de um velório de uma personalidade pública ou na “privacidade” da cabine de votação em dia de eleição até a entrada repentina numa cena televisiva “ao vivo” de uma cobertura jornalística.

Diversos fatores derrubaram a velha separação entre o público e o privado, respectivamente, entre a rua e a casa, fazendo com que tal separação não seja mais tão estanque na sociedade em midiatização. A compressão do tempo e do espaço rompeu com certas divisões e o “aqui e agora” passou a ter preponderância sobre os processos sociais antes resguardados. Nesta conjuntura, a interação social foi ampliada nas mídias sociais e a exposição da auto-imagem demonstra o quanto a visibilidade midiática passou a ter “razão de ser”.

O reconhecimento social, uma necessidade do ser humano, parece ter ganhado uma “ferramenta” poderosa para sua efetivação. Existir não está mais relacionado apenas aos antigos laços comunitários, mas a certa visibilidade que se possa alcançar. Assim, a exposição da auto-imagem com sua visibilidade midiática passa a ser um objetivo e um desejo. Mesmo que não esteja em consonância com outros valores sociais.

Este texto procura discutir as diluições entre público e privado a partir de dois exemplos de irrupção do privado no público, ambos se dão no momento do “ao vivo” para o Jornal do Hoje da TV Globo. O primeiro é um empurrão que um homem anônimo dá na repórter Monalisa Perrone posicionada na entrada do Hospital Sírio Libanês, em São Paulo, e o segundo a participação de uma testemunha que dá entrevista ao repórter José Roberto Burnier sobre o acidente do avião do então candidato a Presidente da República, Eduardo Campos.

Os dois indivíduos comuns buscam atingir a visibilidade midiática com estratégias e efeitos diferentes. Os eventos apresentam também elementos para uma reflexão sobre o processo de circulação, em que tudo está interligado. O que acontece na televisão tem repercussão imediata nas plataformas *online*, gerando um processo contínuo de visibilidade midiática.

Rumo à fama: do desejo de visibilidade midiática

O que há em comum nos dois eventos é que eles apresentam elementos que revelam as fronteiras tênues entre o público e o privado na sociedade em midiaticização, na qual os indivíduos comuns passam a fazer parte do cenário midiático antes controlado por empresas que têm legitimidade para se constituir em espaço público.

Nos dois casos selecionados para análise os indivíduos desvelam o modo de construção previamente elaborado do enunciador (a televisão). Demonstram ter a clara noção de que conhecem as regras de funcionamento do mecanismo de produção da cena televisiva, que é pública, e evidenciam o desejo de visibilidade. Adotando estratégias de autopromoção midiática, os dois indivíduos manifestam a intenção de sair do anonimato ao provocarem o acontecimento, ao ocuparem o lugar de protagonistas.

Há uma evidência nos dois casos de que se pode fazer algo ao expor a própria imagem para ter acesso ao lugar que é público, numa tentativa de sair do lugar de público (que aqui ocuparia o lugar de privado). De acordo com Thompson, “conquistar visibilidade pela mídia é conseguir um tipo de presença ou de reconhecimento no âmbito público que pode servir para chamar a atenção para a situação de uma pessoa ou para avançar a causa de alguém” (THOMPSON, 2008, p. 38). Assim, as ações individuais podem revelar que essas pessoas sentem suas vidas privadas de acesso ao público, à agonística. Elas estariam carentes, sofreriam privação de algo.

Embora reconheçamos a importância da televisão, as condições históricas da TV em manter um discurso no qual ela ocupa o lugar de enunciativa, as ações que descrevemos desconstruem esse pretense controle.

Ao descrever os objetos empíricos, apresentamos o contexto no qual se passam os eventos e também destacamos o papel das interações discursivas em ambientes digitais como propulsores desse movimento de publicização do privado e de transformações ocorridas no modo agir dos indivíduos comuns na sociedade em mediatização.

Pôr a cara na tela de qualquer maneira

O primeiro episódio selecionado para análise ocorre em 10 de novembro de 2011, quando um homem empurra a repórter Monalisa Perrone, da Rede Globo, durante a cobertura “ao vivo” do tratamento de saúde do ex-Presidente Lula, no Hospital Sírio Libanês, em São Paulo. A cena se passa da seguinte maneira: a repórter tinha iniciado a fala “Olá, Sandra, boa tarde a você, boa tarde ao Evaristo. Nós conseguimos apurar agora há pouco que os médicos conseguiram...” quando um homem que vinha correndo por trás dela a empurra e grita algo que não dá para entender bem, apenas “me derrubaram aqui, olha” e põe a cara na tela com o dedo em riste, já sem o áudio. Ainda sobre esta imagem do homem, ouvimos a voz *over* de Sandra Annenberg: “o que é que é isso?!” (indignada).

A cena é cortada imediatamente e a imagem agora é da bancada do telejornal onde estão os apresentadores. Segue-se o seguinte diálogo:

Evaristo Costa: Vamos voltar para cá, porque infelizmente a gente viu que a Monalisa foi interrompida por quem a gente não sabe...

Sandra Annenberg: Que deselegante!!

Evaristo Costa: Totalmente deselegante!

Sandra Annenberg: Não é? Nós estávamos aqui para dar a informação a você, telespectador, sobre o primeiro dia de tratamento de ex-Presidente Lula, ele que descobriu no sábado que tem um câncer na laringe. Chegou hoje de manhã ao Hospital Sírio Libanês para começar esse tratamento e fomos surpreendidos, assim como nossa colega Monalisa Perrone, não é, que estava dando essas informações para a gente aqui, infelizmente!

Evaristo Costa: Sandra, o repórter José Roberto Burnier, ele também fez uma reportagem sobre isso, ele também, como a Monalisa, está acompanhando [...].

Neste episódio, o homem utiliza a estratégia da emoção, que o impulsiona a derrubar, com gestos bruscos, quaisquer empecilhos para alcançar a câmera. O que essa estratégia demonstra? O desejo de alcançar a câmera a qualquer custo, numa evidência de ganhar visibilidade midiática, ocupar o espaço público, até então destinado à TV, à equipe que ali estava. A ação rompe com a continuidade do evento programado.

O caso revela que o lugar da notícia, que representa o espaço público, foi modificado a partir da ação do indivíduo (privado). E este privado ganhou *status* de acontecimento midiático. Estar diante da câmera de TV significa alcançar o espaço público e conquistar visibilidade. Ao mesmo tempo, a ação do homem faz um desafio ao que está dado como pauta pronta, como algo pronto, acabado. Ao ocupar o espaço do “ao vivo”, o indivíduo tem a nítida intenção de expor a sua imagem, de tornar-se pessoa pública.

O episódio produz o efeito de desconstrução de um cenário midiático, transformando o que estava previsto, no qual há todo um cuidado para controlar a imprevisibilidade, com equipe de produção, escolha do repórter e posicionamento estratégico diante do acontecimento. O evento é desconstruído para que ele, sujeito pretensamente ausente da cena midiática, seja o próprio acontecimento midiático. Para isso, o indivíduo até então anônimo, ausente do conjunto de elementos que compõem o espaço criado para a transmissão do evento, passa a povoar a cena midiática.

São apenas três segundos de aparição na tela da TV e isso é suficiente para ganhar repercussão, não só no ambiente da televisão, no comentário dos âncoras que, como a repórter, as câmeras e os telespectadores, se surpreendem com o fato inusitado, mas também em diferentes dispositivos midiáticos, num movimento de modalização de convenções sociais (DAKHLIA, 2014), em que há um deslocamento do lugar de

indivíduos comuns à condição de personagens públicas, mesmo que em situações caracterizadas pela efemeridade do evento programado para se tornar público.

Se antes podíamos observar certo grau de respeitabilidade pela presença da TV como algo intocável ou inatingível em relação à sua produção, o episódio que apresentamos aponta para um tipo de desvelamento que funciona como uma desconstrução do discurso aparentemente acabado. Indica que existe uma construção em processo e que pode ser modificado – o intocável/acabado revela-se modificável e alcançável por um indivíduo que não compunha o cenário previsto.

É Fausto Neto (2007) quem lembra que os vínculos sociais estão modificados e que os *media* integram um sistema complexo:

[...] na sociedade da midiatização, é o desenvolvimento de processos e protocolos de ordem sócio-técnica-discursiva, em função de novos mercados, inclusive discursivos, que vai redesenhando a questão dos vínculos sociais. Estes são submetidos a uma nova ambiência e cujo funcionamento decorre de novas estratégias enunciativas. Tecnologias são convertidas em meios de interação e redefinidoras de práticas sociais, ou incidem, diretamente, sobre os seus regimes de discursividades, submetendo diferentes campos sociais às novas lógicas e de processos de enunciabilidade. Neste novo cenário, instalam-se novas ‘formas de contato’. Nele, os *media* não são apenas meios, mas complexos sistemas, enquanto lugar regulador, que através de suas próprias auto-operações realizam o funcionamento de um novo tipo de trabalho do registro do simbólico (FAUSTO NETO, 2007).

O caso revela o deslocamento do evento, que passa a ser o processo fundamental, fazendo com que o “acontecimento doença do ex-Presidente” fique em segundo plano, apesar da reação de indignação dos âncoras na bancada do telejornal. Trata-se de uma situação na qual se evidencia o paradoxo do acontecimento: ao mesmo tempo em que o telejornal não quer dar espaço ao privado (indivíduo), o próprio telejornal, ao justificar os ajustes da cobertura do “ao vivo”, contribui com a construção do novo acontecimento produzido pelo sujeito anônimo. Com a ação provocada, o homem tende a atingir o objetivo de ganhar visibilidade midiática.

O desejo da visibilidade se realiza não só no espaço da televisão, mas também nas interações discursivas em ambientes digitais. As plataformas *online* se apropriam do que foi publicizado, replicam as informações com versões incontrolláveis, numa dinâmica de disputa pela visibilidade com o espaço das mídias tradicionais com a

“atribuição de *status* glamoroso a um indivíduo dentro da esfera pública” (ROJEK, 2008). Esse movimento interativo nos remete a Braga, que acrescenta que o processo de interação social se dá de modo tentativo: “[...] os processos de interacionalidade midiaticizante estimulando os modos pelos quais a sociedade se comunica e, em consequência, tentativamente se organiza” (BRAGA, 2012, p. 38).

Um dia após o episódio, o homem que empurrou a repórter ganhou espaço no *blog* IG. Foi entrevistado por Flávio Morgen. Identificado como Thiago de Carvalho Cunha, 26 anos, o homem assumiu que queria ganhar visibilidade: “Um amigo meu, que tem um canal no Youtube, me avisou que a Globo estaria lá. Escolhi a Globo de propósito. [...] Tinha Rede TV!, o SBT e a Record. Escolhi a Globo porque teria mais visibilidade”.

Assim, a estratégia de arquitetar o evento, efetuar a escolha do espaço que melhor atenda às expectativas de adquirir visibilidade midiática, de tornar-se conhecido, mesmo que numa aparição instantânea, demonstra o grau de interação social na sociedade em midiaticização. Como dito antes, o efêmero ganha repercussão em outros espaços midiáticos que sustentam o desejo da fama, de tornar-se conhecido, não importa por qual razão.

Após protagonizar o episódio na Rede Globo, a entrevista que o personagem Thiago de Carvalho Cunha concedeu a Flávio Morgen no *blog* IG contou com 246 comentários, no período de 1º de novembro a 4 de dezembro de 2011.

Entre as manifestações de internautas no *blog* IG, há comentários de apoio e de repúdio à ação do homem diante da câmera de TV. Independentemente do posicionamento dos internautas, em todos os comentários há um ponto em comum: a evidência de que o “empurrão” representa uma estratégia de conquistar visibilidade de qualquer maneira. Em muitos comentários, a TV é reconhecida como um lugar de obtenção de notoriedade.

Diversas opiniões também identificam a internet como um espaço de instituição da fama. Das mais de duas centenas de manifestações feitas por internautas no espaço destinado aos comentários logo abaixo da notícia publicada no *site* IG, escolhemos duas opiniões, que reproduziremos abaixo, mantendo o modo original como foram escritas por seus autores. São manifestações de recusa à atitude do homem que desafiou o “ao

vivo” da emissora de TV. O comentário do internauta Francisco de Francis é de valorização ao papel da TV como espaço de visibilidade:

Francisco de Francis, 2 de novembro de 2011, às 16h19.
Sinceramente como não vi nenhuma intenção de agressão por parte do maconheiro, a verdadeira intenção dele era aparecer, estão querendo fazer a sociedade enxergar o que não ouve, como sempre sugestão da globo e o pior é que todo mundo vai acreditar que houve uma agressão física.

O posicionamento do internauta “O” enfatiza o papel da TV e das redes sociais como espaços de difusão da imagem de alguém. Ele faz uma crítica direta ao blogueiro Flávio Morgen, que entrevistou o protagonista do empurrão:

O, 2 de novembro de 2011, às 05h42
Você fez de graça o que ele queria. DIVULGAÇÃO.

O episódio do empurrão também aponta para um outro tipo de repercussão nas redes sociais e que envolve os jornalistas que estão na bancada do telejornal. A frase “Que deselegante” é *pinçada* pelos espectadores, que dão ampla repercussão à expressão nas redes sociais. Ao término daquela edição do Jornal Hoje (dia 10/11/2011), a expressão atinge o *trending topics*³ do *twitter*. Como resultado do movimento circular, a frase vira *meme*⁴, é postada no *youtube*, é replicada em *sites*, repercute em programas de entretenimento. A Rede Globo se apropria da situação criada pelos telespectadores/internautas e dá destaque à frase no *site* oficial da empresa, o G1. “Que deselegante” aparece na página principal do *site* da Rede Globo como uma das frases que obtiveram repercussão nas redes sociais, ao lado de outras sentenças (inclusive de artistas) que também adquiriram o *status* de *meme* nas redes sociais.

Como se forja uma fonte jornalística

O segundo episódio que selecionamos para análise ocorreu no dia 13 de agosto de 2014, durante a cobertura “ao vivo” (também do Jornal Hoje) do acidente do avião que provocou a morte do candidato à Presidência da República, Eduardo Campos. Embora tenham se passado três anos após o caso analisado acima, este segundo

³ Assuntos mais comentados do *twitter*.

⁴ Nome que se dá aos bordões criados nas interações sociais mediadas pelos dispositivos midiáticos.

episódio apresenta elementos semelhantes ao primeiro exemplo no que diz respeito ao desejo de visibilidade de indivíduos anônimos no espaço midiático. O “ao vivo” de dois minutos e 10 segundos de duração segue da seguinte maneira:

José Roberto Burnier: Ô Evaristo, eu estou do lado do Donizete Júnior. Ele é um estivador do Porto de Santos, mora ao lado da área onde aconteceu o acidente. Imediatamente ele desceu, vestiu aqui um macacão [apontando para a roupa do entrevistado], luvas e foi tentar socorrer. Vamos ver o que é que ele viu. O que você viu?

Donizete Júnior: A princípio eu estava na minha sala quando houve uma grande explosão, um forte estrondo, os vidros da minha janela quebrou, descemos primeiramente para socorrer as pessoas. *Foi uma cena lamentável, uma cena muito triste, eu vi vários corpos espalhados, inclusive um dos corpos era realmente o do candidato Eduardo Campos.*

José Roberto Burnier: Você viu?

Donizete Júnior: *Eu cheguei a ver, abri o olho dele, o olho dele verde, az... eu não acreditei, fiquei estarecido, um candidato que sempre amei, que sempre admirei, várias pessoas caídas, pessoas desmaiadas, entendeu?*

José Roberto Burnier: Quantos corpos você viu?

Donizete Júnior: Eu, a princípio, eu contei cinco corpos. *O que mais me chocou foi ver o corpo do meu candidato Eduardo Campos [forçando um choro que não sai]...*

José Roberto Burnier: Bom, [interrompendo a fala do entrevistado] sem dúvida é lamentável. Você chegou a socorrer pessoas que estavam feridas ou você só viu corpos?

Donizete Júnior: Cheguei a socorrer várias pessoas, até do meu prédio. Pessoas que se machucaram pelo deslocamento do ar, pessoas com trauma, pessoas desmaiadas, tinham duas crianças totalmente chamuscadas. Começamos a parar os carros e colocar para dentro do carro para levar lá para a Santa Casa.

José Roberto Burnier: As crianças estavam vivas?

Donizete Júnior: As crianças estavam vivas, mas estavam queimadas né, porque um forte cheiro de querosene, muito fogo, muito incêndio, *é uma cena lamentável que eu não desejo para ninguém.*

José Roberto Burnier: Você chegou a ver o avião antes de ele cair, ou não?

Donizete Júnior: Não. Escutei o barulho dele vindo. Ele veio na diagonal, já veio pegando fogo nas turbinas, né, com certeza um avião de pequeno porte.

José Roberto Burnier: Você viu ele pegando fogo?

Donizete Júnior: Vi, eu vi ele pegando fogo na turbina, foi quando ele veio em diagonal e veio a colidir com os nossos prédios do lado.

José Roberto Burnier: Ele estava virado? [fazendo o gesto com a mão]

Donizete Júnior: Não, ele estava vindo em diagonal, direto. *Uma cena lamentável, mas o que o mais me deixou estarecido foi ver vários corpos dilacerados, inclusive do meu amado candidato...*

José Roberto Burnier: Ok, [interrompendo a fala do entrevistado], obrigado, ô Donizete... é, é... são depoimentos fortes. (Grifos nossos).

O episódio revela a estratégia do anônimo (privado) de arquitetar uma situação aparentemente de acordo com a lógica midiática através da construção de uma personagem-testemunha. Diante da câmera, a testemunha constrói um discurso

verossímil, fundamentado num depoimento de alguém que viu o acidente e ajudou a socorrer vítimas, adequado à necessidade informativa do “ao vivo” e da notícia, com forte carga emocional.

Como é sabido, faz parte do discurso jornalístico o depoimento de uma testemunha que fala de maneira emocionada sobre o que viu. Só que dessa vez a emoção do âmbito privado que atravessa o público se mostra fabulada, pois tem um tom artificial. A testemunha se refere insistentemente ao seu sentimento de choque pela morte do candidato Eduardo Campos, forçando um choro que não acontece. Adota expressões como “fiquei estarrecido”, “me deixou estarrecido”, “me chocou”. Encenando o choro contido e com o cenho franzido, diz duas vezes: “foi uma cena lamentável”.

Com tal estratégia, a “testemunha” domina a cena ao tentar desviar o foco da entrevista das informações objetivas que o repórter demanda para o sentimento de choque diante do que imagina que o telespectador deseja. É como se estivesse materializando a pretensa comoção nacional com frases de efeito.

Assim, a “testemunha” direciona a entrevista para uma narrativa própria quase alheia às perguntas do entrevistador que, aparentemente surpreso e, numa tentativa de esquivar-se da emoção manifesta por sua fonte, faz um movimento que revela alguma inquietação, reforça que “sem dúvida, trata-se de uma cena lamentável”, como que dando-lhe apoio e justificando-se para pedir mais informações. A expressão dos sentimentos, que normalmente atende ao critério jornalístico de uma fonte-testemunha, transcende ao enquadramento do seu lugar de fala. O personagem cria uma tensão porque desloca o lugar do entrevistador e assume a função de enquadrar o acontecimento.

Ao longo do enquadramento dramático, o testemunho da personagem provoca uma estranheza. O repórter demonstra perceber que algo está dissonante, mas não consegue se safar da estratégia adotada pelo anônimo de ganhar visibilidade midiática. Diante da afirmação contundente da testemunha de que viu “realmente” o corpo de Eduardo Campos, seu “candidato querido”, o repórter não reagiu e foi conduzido pela fonte.

O repórter praticamente não esboça reação durante o episódio. Ao final do depoimento da personagem-testemunha, o repórter José Roberto Burnier, como que

validando o que acabara de transmitir, comentou, olhado para a câmera: “são depoimentos fortes...”.

Esse movimento aponta para a tensão entre o público e o privado, ou seja, entre o agendamento noticioso e a imprevisibilidade provocada pela irrupção do privado (indivíduo). Em consequência desse ruído que pairou no ar em suspenso, é nas interações discursivas em ambientes digitais que se verbaliza a indignação das pessoas em relação à encenação provocada pela personagem-testemunha.

Trata-se de um processo de circulação midiaticizada, que já não é inteiramente dominada pelos grandes meios. A sociedade passa a interagir por meio de circuitos que *atravessam* os campos sociais estabelecidos. “[...] Os setores da sociedade são instados, pela própria predominância da midiaticização como *processo interacional de referência*, a se articularem através de circuitos pouco habituais” (BRAGA, 2012, p. 43), gerando processos experimentais de interação e um interesse social generalizado sobre os próprios processos de mídia. Esse processo de circulação revela que as pessoas conhecem as regras do jogo midiático.

Outro efeito de sentido é que o evento gera um constrangimento para o fazer jornalístico da Rede Globo. Após o episódio, no qual se evidenciou a encenação de uma fonte jornalística, a emissora não se pronunciou a respeito do *fake*, demonstrando buscar manter o seu lugar de autoridade ao não ceder ao apelo de visibilidade midiática do anônimo. Ficou uma aresta deixada pela emissora que é cobrada nas redes sociais ao preencher uma lacuna de explicação do que houve. Isso mostra que os efeitos de midiaticização afetam os valores jornalísticos e sociais.

Entre os diversos comentários sobre o episódio encontrados nas redes sociais, destacamos os dois abaixo, transcritos de forma literal:

A Globo acaba de entrevistar ao vivo um popular que disse que socorreu Eduardo Campos e chegou a abrir os olhos dele e 'viu aqueles dois olhos verdes' e em seguida caiu no choro pq perdeu seu 'querido candidato'. Olha, sei não, mas achei bem estranho. Se repórter eu fosse desconfiaria dessa história aí antes de botar no ar (Milena Murno).

Percebi na hora que era mentira. Sequer a arcada dentária foi localizada. (Fernando Moyses Nonato).

Pelos comentários acima, os internautas cobram a veracidade das informações por parte do entrevistado, reconhecendo o jornalismo como lugar da verdade. De acordo

com o jornal R7, a falsa testemunha não participou do resgate das vítimas, seu macacão estava limpo, inclusive, e ele reconheceu que mentiu. Postou um texto de arrependimento pelo que fez numa página de notícias chamada “Vivendo em Santos” do *facebook*, conforme a seguir, transcrito de forma literal:

Bom dia vivendo em santos meu nome e Donizete Junior estou nessa conta de um amigo p a minha foi bloqueada acontece q eu sou do caso da queda do avião em santos q deu entrevista no calor da emoção sem pensar nas consequências pessoal ae por favor o post denominado o "Premio de melhor ator", já sofri tortura demais p causa desse episodio errei sim nas sem pensar nas consequências das minhas burras palavras estou sendo ameaçado e já ate sofri agressões e minha família tb apesar da minhas palavras caírem em descredito no momento peço pelo amor de deus q vcs retirem os postes q estão destruindo toda minha vida, a culpa foi totalmente minha com minha boca e compulsão inconsequente , mas já perdi meu emprego e moral total na cidade meu telefone e ***** vivo.... por favor tenho mo admiração p pagina de vcs ja sofri bastante pessoal. Obrigado me de essa chance eu suplico tira os postes já fui malhado demais, brigado e perdão p minha super burrici. ASS: Donizete Maguila Junior, estivador porto de santos.

Neste caso, parece que a exposição da própria imagem sobrepondo-se ao público não foi bem aceita socialmente. A visibilidade midiática não é um valor absoluto e, dependendo das circunstâncias em que ocorre, pode gerar consequências sociais negativas para quem a busca, como o desprezo por parte da sociedade.

Aspectos Conclusivos

Dois episódios, datas diferentes, situações distintas e alguns aspectos em comum. Dois exemplos que são reflexo do contexto de uma sociedade em midiatização na qual o desejo de adquirir visibilidade midiática atinge indivíduos comuns, fazendo-os interagir de modo inusitado diante da câmera de TV, de sua câmera pessoal, do computador. No primeiro vídeo, o indivíduo anônimo rompe com as regras de funcionamento midiático, com a normalidade da produção televisiva. Já no segundo vídeo, a encenação do anônimo é sua principal estratégia de irromper no espaço público e ganhar visibilidade midiática.

Nos dois episódios, experienciados em datas distintas, com um intervalo de tempo de três anos entre um caso e outro, os indivíduos tentam desvelar o modo de construção previamente elaborado do enunciador (a televisão). São pessoas comuns que

querem alcançar visibilidade midiática e, em suas ações, demonstram conhecer as regras do jogo midiático, interferem no processo produtivo e encaram a câmera como se ali chegando realizassem o desejo da fama. Podemos associar os dois casos a vidas que estão privadas de acesso ao espaço público, à agonística.

Nos casos analisados, observamos que a televisão não se prepara para a perda do controle, que historicamente não tem sido desafiada. Os dois episódios demonstram a tensão que existe entre a visibilidade midiática nos âmbitos privado e público no processo de midiatização da sociedade.

Ambos revelam a mostração de pessoas comuns na tentativa de tornar-se notáveis, revelando que conhecem as regras do jogo da visibilidade midiática e que podem fazer uso dessas regras.

O espaço da TV é reconhecido como o *espaço da verdade*, seja no empurrão dado na repórter seja na fabulação da testemunha do acidente que matou o presidenciável. Os dois personagens revelam conhecer as regras sobre o funcionamento da vida social em midiatização, o processo de midiatização em construção e seus processos interacionais.

Destacamos também as redes sociais e o processo de circulação, no qual a interação ocorre de modo circular, num movimento em que as pessoas se manifestam de modo espontâneo, dizem o que pensam, como gostariam que as coisas no mundo social se passassem. E, dessa forma, participam da processualidade na qual assumem um papel de sujeitos participantes da produção de sentido, mesmo que optem por utilizar um codinome ao tecer um comentário nos espaços de interação no qual repercutem os acontecimentos, estabelecendo novas formas de contato, redefinindo as situações.

Referências

- BRAGA, José Luiz. Uma teoria tentativa. **E-Compós**, v. 15, n. 3, 2012.
- _____. “Circuitos versus campos”, in MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.) **Mediação e Midiatização** – Livro Compós 2012, Brasília, EDUFBA/COMPÓS, 2012.

DAKHLIA, Jamil. Informar-se sobre as celebridades: por quê? A opinião dos leitores franceses sobre a imprensa people in **Celebridades do século XXI: transformações no estatuto da fama**. (Org) Vera França et al. Porto Alegre: Sulina, 2014

FAUSTO NETO, Antônio. Enunciação, autorreferencialidade e incompletude. **Revista Famecos**, Porto Alegre: n. 34, dez. 2007

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

THOMPSON, John. A Nova Visibilidade. **Revista Matrizes**, São Paulo, n. 2, 2008.

Material encontrado na mídia

<http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2011/10/31/rapaz-invade-link-do-jornal-hoje-empurra-reporter-e-assusta-ancoras-133259.php>. Acesso em 31 de outubro de 2011.

<http://www.implicante.org/blog/agressor-de-monalisa-perrone-e-muito-politizado-e-sustentado-pela-mamae/> Acesso em 1º de novembro de 2011.

<http://natelinha.ne10.uol.com.br/noticias/2014/08/14/homem-mente-em-depoimento-para-a-globo-sobre-morte-de-eduardo-campos-78447.php>. Acesso em 10 de setembro de 2014.

<http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/falsa-testemunha-que-enganou-a-globo-no-acidente-de-eduardo-campos-pede-desculpas-18082014>. Acesso em 23 out 2014.